

Renato Lemos (transcrição, organização e introdução). *Cartas da Guerra – Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN/6ª SR/Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

## Introdução (p. 11-17)

A Guerra do Paraguai (1865-1870), que opôs a Tríplice Aliança, formada pela Argentina, o Brasil e o Uruguai, ao Paraguai de Solano López, foi o maior conflito internacional na América do Sul. Evento de dimensões dramáticas em termos de destruição humana e material, marcou em definitivo, ainda que de maneira desigual, os povos dos quatro países.<sup>1</sup> Entre centenas de milhares de combatentes que dela participaram, um capitão viria a tornar-se importante personagem na história do Brasil: Benjamin Constant Botelho de Magalhães, nascido em 9 de fevereiro de 1937, em Niterói, então capital da província do Rio de Janeiro.

Como oficial do Exército, Benjamin Constant chegou, na carreira, à patente de tenente-coronel e, por força de uma promoção política logo após a instauração da república no país, à de general-de-brigada. Professor de matemáticas em escolas civis e militares, pioneiro e um dos mais importantes divulgadores da filosofia positivista no Brasil, foi o principal organizador do movimento militar que depôs a Monarquia em 1889. Instalado o Governo Provisório republicano, ocupou o lugar de segundo vice-presidente e, sucessivamente, as pastas da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Morto em 22 de janeiro de 1891, os membros da Assembléia Nacional Constituinte, então reunida, lhe concederam o título de “Fundador da República”.

Sua passagem pela Guerra do Paraguai foi relativamente curta e pouco expressiva do ponto de vista militar. Convocado em 25 de agosto de 1866, partiu uma semana depois com seu irmão, Marciano Augusto Botelho de Magalhães, em direção a Montevideú, onde chegou no dia 13 de setembro.<sup>2</sup> Na capital uruguaia, recusou uma função administrativa, alegando desejar cumprir a missão para a qual fora designado: lutar. Deixou o irmão na cidade e seguiu para a Argentina, chegando em Corrientes a 2 de outubro. Dois dias depois já estava no Capão do Pires, próximo a Tuiuti, em território paraguaio.

Na primeira missão que recebeu, atuou na fiscalização dos fornecimentos. Integrou-se, em seguida, à Comissão de Engenheiros, sendo incumbido de abrir trincheiras nas linhas avançadas de Tuiuti. Nesta ocasião surgiram-lhe os primeiros

---

<sup>1</sup> Para uma fonte atualizada e diversificada sobre a Guerra do Paraguai, consultar Maria Eduarda C. M. Marques (org.). *A Guerra do Paraguai, 130 anos depois*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

sintomas de malária. De volta a Corrientes para organizar a remessa de grande quantidade de peças militares para o campo de operações, teve a doença agravada a ponto de o terem considerado em risco de vida. Assim mesmo, participou da repressão a um levante de correntinos contra as tropas brasileiras.

Novamente em Tuiuti, concluiu a construção de trincheiras um mês e meio depois. Como reconhecimento da qualidade de seu trabalho, foi efetivado na Comissão de Engenheiros. Designado para fazer o balanço dos depósitos de material bélico do Exército em Tuiuti, não chegou a executar totalmente a tarefa, pois recebeu ordem de marchar para Tuiucû com a missão de efetuar o levantamento das plantas de estradas, apontando o melhor roteiro para as tropas. As difíceis circunstâncias em que trabalhou pioraram suas condições de saúde. Pressionado pela doença e pela esposa, Maria Joaquina, que foi ao Paraguai com o propósito de buscá-lo, obteve licença para tratar-se no Rio de Janeiro, deixando o campo de operações nos primeiros dias de setembro de 1867.

Durante o tempo em que participou do esforço de guerra, Benjamin Constant se correspondeu com algumas pessoas, entre as quais sua esposa, seu sogro (o médico Cláudio Luís da Costa), seu irmão e amigos muito próximos. As cartas que compõem este livro não representam a totalidade dessa correspondência. A numeração presente em algumas delas, assim como anotações de Maria Joaquina, indicam que várias se terão perdido ao longo do tempo. É pouco provável que o extravio tenha ocorrido após a morte de Benjamin Constant, já que Raimundo Teixeira Mendes, que logo em seguida teve livre acesso a elas para escrever sua primeira biografia,<sup>3</sup> não transcreveu ou mencionou qualquer carta hoje inexistente. Também a maior parte da sua correspondência passiva desse período não foi localizada.

As perdas não diminuem, porém, a riqueza multifacetada do corpo documental preservado. O fato de não terem sido escritas para publicação faz dessas cartas, possivelmente, o primeiro conjunto deste tipo já publicado sobre a Guerra do Paraguai. Esta é uma importante característica<sup>4</sup> que as singulariza em face das fontes epistolares

---

<sup>2</sup> Informações mais detalhadas sobre esta e as passagens seguintes podem ser encontradas em Renato Lemos. *Benjamin Constant – vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

<sup>3</sup> *Benjamin Constant, esboço de uma apreciação da vida e da obra do Fundador da República Brasileira*. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1892 (v. 1) e 1894 (v. 2, *Peças justificativas*).

<sup>4</sup> Cf. Richard Tuck, “História do pensamento político”. In: Peter Burke (org.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 275.

até agora acessíveis ao público – correspondências oficiais ou cartas isoladas.<sup>5</sup> Distingue-se por isso também de relatos clássicos de natureza memorialística, como os deixados por Taunay e Dionísio Cerqueira<sup>6</sup>, escritos para a posteridade e comprometidos com outras conjunturas nacionais.<sup>7</sup> Aproxima-se, por outro lado, das fontes usadas pelo historiador norte-americano Bell I. Wiley na construção de narrativas da guerra civil nos Estados Unidos a partir da correspondência privada de soldados confederados e unionistas.<sup>8</sup>

Como registro da experiência humana, essas cartas são uma porta de entrada nesta totalidade resultante de inúmeros vetores individuais e coletivos: um homem e suas circunstâncias, da intimidade à vida pública. Resultam do olhar de um indivíduo no olho do furacão, aonde chegou por tortuosos caminhos subjetivos.

À época da convocação de Benjamin Constant, as forças aliadas se recuperavam da batalha de Tuiuti (24/5/1866) da qual, apesar de vitoriosas sobre as paraguaias, saíram extremamente desgastadas, o que as deixaria sem iniciativa até setembro. No Brasil, a guerra despertava manifestações apaixonadas de aprovação e de repulsa. Havia, também, os que hesitavam. Marciano, por exemplo, depois de algum tempo de alheamento, acabou por aderir e, em carta ao irmão, de cuja autorização dependia por ser menor de idade, anunciou sua decisão de "tornar-se um brasileiro" e embarcar para o Sul.

Benjamin Constant também teve um período de hesitação. Consta que Maria Joaquina, quando soube da convocação, não titubeou em tentar reverter a ordem. Sem o conhecimento do marido, conseguiu uma audiência com o Imperador, que, informado da gravidade da situação que a ausência do arrimo da família – esposa grávida, uma filha, um irmão, uma tia idosa – implicaria, acedeu em poupá-lo. Logo que foi informado da atitude da esposa, contudo, Benjamin Constant também procurou D. Pedro II, conseguindo que a convocação fosse mantida.

Até então, torcera para não ser convocado. Alegava que a participação no conflito levaria seus dependentes à miséria. Esta posição lhe valeu a classificação

---

<sup>5</sup> Por exemplo, a biografia do general José Antônio Corrêa da Câmara em Rinaldo Pereira da Câmara. *O general Câmara*. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1970, 2 v.

<sup>6</sup> Alfredo d'Escragno Taunay. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, s. d.; Dionísio Cerqueira. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

<sup>7</sup> Cf. Ricardo Salles, "Memórias de guerra: Guerra do Paraguai e narrativa nacional", *História*, São Paulo, v. 16, 1997, p. 138. Agradeço a este autor as referências da nota seguinte.

<sup>8</sup> Respectivamente: *The life of Johnny Reb. The Common Soldier of the Confederacy*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1993 (primeira edição em 1943) e *The life of Billy Yank. The Common Soldier of the Union*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992 (primeira edição em 1952).

irônica de "neutro". Perdoou a iniciativa da mulher, justificando-a por sua pouca idade, mas temeu ser tomado por covarde. Isto ajuda a entender a frequência com que, em cartas e em atos, preocupava-se em afirmar seus dotes de bravura e temeridade diante do inimigo, ainda que pondo a vida em risco. Como combatente, mostrou-se essencialmente envolvido pelo clima de patriotismo e pela febre anti-López que se disseminava entre os brasileiros como elemento de mobilização nacional. Nunca questionou o mérito da guerra, apenas a orientação que a ela imprimiam as elites militares e civis brasileiras.

Subjacente à visão que manifestava da guerra, impunha-se a sua dupla condição como soldado-professor. Tendo ingressado na carreira militar para completar os estudos e obter uma profissão que merecesse algum reconhecimento social, definia-se, já no Paraguai, como um militar sem vocação, cujo ideal de vida era trabalhar no magistério e dedicar-se à família. Este projeto reproduzia o roteiro de vida de seu pai, oficial de baixa patente da Marinha portuguesa que se radicou no Brasil após a Independência e conjugou a profissão militar com a de professor de primeiras letras. A única alteração essencial de rota se explica pela necessidade que sentia de proteger a família da possibilidade de ficar na miséria no caso de sua morte. Por isso, se ligaria a inúmeras entidades de previdência privada e pública, chegando, mesmo, a fundar uma. Aliás, antes de ser convocado, Benjamin Constant projetou escrever um livro de matemática e destinar o rendimento de sua venda ao asilo dos inválidos de guerra, situação em que, por uma ironia amarga, se veria ao retornar doente ao Brasil, sem condições para trabalhar e recursos para tratar-se.

As preocupações pessoais manifestadas nas cartas são, da mesma maneira que os juízos sobre a guerra, a expressão do processo de definição de um papel individual em meio a uma turbulenta quadra nacional. A experiência com as elites militares e políticas é filtrada por esse movimento subjetivo. É o que transparece, por exemplo, no julgamento que Benjamin Constant, como seu amigo, fazia do Marquês de Caxias, que comandou as forças brasileiras durante sua estada no Paraguai. O já consagrado líder militar teve seus méritos profissionais, políticos e pessoais negados de maneira absoluta. Covarde, incompetente, corrupto e corruptor ... são alguns dos epítetos que lhes são lançados nas páginas das cartas. A razão particular de tanta resistência a Caxias não fica clara, mas há indicações de que ela se deve, em parte pelo menos, à importância que Benjamin Constant e seus amigos, quase todos positivistas e de origem social modesta,

davam ao mérito como critério de reconhecimento numa sociedade dominada pelo clientelismo. Não ser nomeado para uma vaga de professor disputada em concurso em que se classificou em primeiro lugar – o que ocorreu várias vezes no início de sua vida de professor – tinha o mesmo significado que ver o chefe da Comissão de Engenharia receber elogios oficiais pelo trabalho nas trincheiras que ele, Benjamin Constant, realizara. Desse ângulo, não encontrava em Caxias merecimento que justificasse as altas posições que lhe eram oferecidas e o acusava de não reconhecer o mérito de quem se destacava no campo de batalha. Além disso, discordava radicalmente do rumo que imprimia à guerra, atribuindo-lhe a cota maior de responsabilidade pelas numerosas perdas humanas do Exército brasileiro.

Caxias, provavelmente, nunca tomou conhecimento dessas críticas, que transcenderiam simbolicamente sua pessoa, projetando no futuro um conflito entre o "Fundador da República" e o "Patrono do Exército", título que lhe seria conferido em 1926. Benjamin Constant, já durante a guerra, mas principalmente na década de 1880, internalizou uma concepção de militar – a do "soldado-cidadão" –, pela qual negava-se a noção de "obediência passiva", fundamento da disciplina e da hierarquia nas organizações militares. O seu soldado era um cidadão fardado a quem não se poderia recusar o direito de discussão das ordens recebidas. Caxias, por seu turno, veio a simbolizar o oficial disciplinado e disciplinador, imagem que se tornou adjetivo lexicografado:

Verbetes: caxias [Do antr. Caxias, do militar e estadista brasileiro Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), patrono do Exército).] Adj. 2 g. e 2 n. e s. 2 g. e 2 n. Bras. Pop. 1. Diz-se de, ou pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas obrigações (...). 2. Diz-se de, ou pessoa que, no exercício de sua função, exige dos subordinados o máximo rendimento no trabalho e extremado respeito às leis e aos regulamentos.<sup>9</sup>

As opiniões mais violentas sobre Caxias foram omitidas das cartas transcritas no segundo volume do livro de Teixeira Mendes, constituído de documentos do arquivo de Benjamin Constant. Líder positivista e civilista por convicção doutrinária, o autor por algum motivo entendeu que não era conveniente, sob a quase ditadura militar de Floriano Peixoto, dar publicidade total à correspondência.

Um outro momento desse conflito surdo iniciou-se com a inauguração do monumento a Deodoro da Fonseca no Rio de Janeiro, programada para o dia 15 de

novembro de 1937. A comissão organizadora do evento produziu um livro de elogio ao homenageado e a outros personagens decisivos da proclamação da República<sup>10</sup>. Pelo sumário, deveria existir, a partir da página 159, o capítulo "Benjamin Constant *versus* Caxias". A página indicada, contudo, estampa apenas a cópia de um bilhete de Deodoro, sem qualquer ligação com o assunto. É provável que a censura se explique pelo fato de o livro ter sido efetivamente impresso em 1938, já sob a ditadura do Estado Novo, implantada em 10 de novembro do ano anterior e para a qual a imagem do soldado à Caxias era mais adequada que a do "soldado-cidadão". O conflito entre os modelos de militar seria resolvido, no âmbito da corporação, ainda no Estado Novo, quando a estátua de Benjamin Constant, até então situada na praça em frente ao Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, foi deslocada para posição mais discreta, dando lugar a outra... de Caxias.<sup>11</sup>

No entanto, embora derrotado por um general monarquista, o espectro do soldado-cidadão "Fundador da República" não deixaria de assombrar a cultura corporativa do Exército. Foi o que pôde perceber o cientista político Vítor Izecksohn depois que, em 1997, tendo contratado com a Biblioteca do Exército Editora a edição da sua dissertação de mestrado,<sup>12</sup> viu-a transformar-se em um livro mutilado pela ação censória do editor, que se negou a publicar uma das cartas em que Caxias é criticado, só lhe restando recorrer à Justiça para reaver os direitos autorais sobre a obra.

As cartas são, portanto, um produto histórico que se atualiza. Nelas, Benjamin Constant surge na plenitude de seu tempo social, flagrado num momento total cuja importância para os rumos da formação social brasileira não se reduziria ao impacto na conjuntura. Elas enfatizam a dimensão individual inconsciente desse processo social e político. Seu autor, ainda um modesto professor com ambições de ser reconhecido como cientista, não se encontrava engajado em qualquer atividade coletiva, privada ou pública, que o vinculasse à significação que, posteriormente, seria atribuída à Guerra do Paraguai como fato fundador do Exército nacional. Entretanto, mesmo que em seu texto não se encontre uma narrativa desse momento, há nele indicadores da maneira como o processo massivo se desenrola no plano individual: a experiência com outros povos e

---

<sup>9</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Dicionário Aurélio Eletrônico*, V. 2.0. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.

<sup>10</sup> *Deodoro e a verdade histórica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

<sup>11</sup> A respeito, ver José Murilo de Carvalho. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, Cap. 2.

<sup>12</sup> *Guerra do Paraguai: o comando de Caxias e o núcleo profissional do Exército*, defendida em 1992 junto ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

formas de organização social e política, o contraste de valores, as relações de subordinação e lealdade entre soldados e líder nacional, a construção de uma imagem do inimigo, o desprendimento no serviço da nação etc.

Essa correspondência pode ser tomada, por outro lado, como um contraponto às narrativas da guerra<sup>13</sup> produzidas essencialmente para consagrar o ponto de vista oficial do governo ou da hierarquia militar, embora só muito pontualmente se possa encontrar nela uma contraversão deliberada, talvez nas linhas em que Benjamin Constant e seus amigos contestam informações e análises oficiais. O que sem dúvida as cartas proporcionam é o enriquecimento da compreensão da importância que a guerra teve para a formação subjetiva da geração que dela participou e, nas décadas seguintes, assumiu importantes papéis no enredo social e político do país.

---

<sup>13</sup> Cf. Ricardo Salles, *Op. cit.*